

CENSURA E POLÍTICA NOS FILMES DE OLNEY SÃO PAULO

Samara Medeiros de Oliveira¹; Claudio Cledson Novaes² ,

1. Bolsista FAPESB, Graduando em Licenciatura em Letras com Espanhol, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: Samara.medeiros49@yahoo.com.br

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ccnovaes.uefs@gmail.com

Palavras-chave: Ditadura, censura, Olney São Paulo

INTRODUÇÃO

Durante a Ditadura Militar no Brasil foi grande a política da censura. De início alguns filmes sofreram apenas alguns cortes, porém com o passar do tempo essa censura se intensificou tanto que alguns filmes passaram a ser totalmente mutilados, e alguns produtores enfrentaram sérios problemas com os militares por suas produções. Esse foi o caso do cineasta baiano Olney São Paulo.

Relembrando algumas fases da censura no Brasil, primeiro a fase moralista, nesta a preocupação primária era cortar palavrões, cenas ditas imorais e figurinos muito ousados para época. Em um segundo momento, quem passou a compor o departamento da censura foram os militares, em especial generais e coronéis, neste momento é acrescentado ao moralismo um cunho político, ou seja, qualquer cena que fizesse alusão direta ou indireta a ideais contrários aos militares seria censurada, quando o filme não tinha sua exibição proibida por completo.

Se o cinema é capaz de contribuir para contar a história de um povo, se ele é capaz de retratar de alguma forma a realidade, como pode alguém fazer cinema e contar a história do país por meio de algum filme em uma época onde a censura luta bravamente para barrar qualquer tipo de produção que fizesse alusão às condições políticas do país na época? Muitos dos cineastas que tentaram tratar de temas políticos em suas obras tiveram seus filmes mutilados quando não os tiveram completamente censurado.

Em 1968, passa-se para uma nova fase e a censura se estende a todos os meios de comunicação. Nesse período de censura os cineastas procuravam meios para driblar a censura, uma das formas era por substituir o discurso direto por metáforas ou alegorias. Esse é o caso de *Manhã Cinzenta* (1969) que mesmo sem ter um discurso direto trouxe problemas a Olney São Paulo junto à censura.

Olney foi o único cineasta a ser preso, torturado e processado por produzir um filme que nem mesmo chegou a ser lançado comercialmente, e logo depois de todos os problemas que ele teve com *Manhã Cinzenta* surge o documentário *Pinto vem aí* (1976), que assim como *Manhã Cinzenta* tratava de tema político. *Pinto vem aí* conta a história de um político feirense que por ser acusado de ser subversivo teve alguns problemas com os militares.

MATERIAIS E MÉTODOS

Comecei minhas pesquisas sobre a linguagem cinematográfica como membro do NELCI (Núcleo de estudos em Literatura e Cinema), na UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) há aproximadamente dois anos. O que me levou a empreender tal pesquisa foi entender que além de arte e diversão o cinema também pode ser usado como fonte histórica para compreender comportamentos, visões de mundo, valores, identidades ou ideologias de uma sociedade. De início comecei a pesquisar apenas teorias cinematográficas.

Logo em seguida comecei a estudar alguns filmes da época da ditadura militar. Nessa busca, conheci a história de vida do cineasta baiano Olney São Paulo e alguns dos seus filmes.

É de grande importância resgatar o nosso legado cultural a partir de uma leitura de um artista da terra. Com o estudo dos filmes ampliaremos as discussões acerca do cinema enquanto objeto de estudo acadêmico, e a partir deste também será possível divulgar um pouco mais o trabalho de Olney São Paulo e sua contribuição para o cinema brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Manhã Cinzenta é um filme de 1969 e traz como tema um golpe de estado em um país fictício latino-americano. Um casal de estudantes, vivendo em um país repressivo participava em um protesto e por isso era levado a julgamento. O julgamento era feito por um robô e os estudantes sentenciados. Olney aproveitou um protesto de estudantes que estava acontecendo nas ruas e levou alguns integrantes da sua equipe para fazer uma cena do filme. A cena assim como a real seria um protesto. Durante a gravação a polícia chegou e alguns dos que estavam protestando foram detidos, inclusive membros da equipe de Olney. A cena que eles queriam já estava gravada e alguém conseguiu escapar com ela. Pouco tempo depois, ainda em 1969, aconteceu um sequestro do Caravelle que foi desviado pra Cuba, e segundo alguns, durante o sequestro do avião foram exibidas cenas do filme *Manhã Cinzenta*. Logo Olney foi acusado de estar envolvido e em consequência foi preso e torturado pelos militares. Em 13 de janeiro de 1972 finalmente Olney foi absolvido.

Olney sofreu durante esse tempo de prisão, deixou a esposa e os filhos ainda pequenos. Quando saiu da prisão, conforme relatos, preferia não comentar nada sobre o que tinha acontecido, mas quanto ao trabalho ele continuava no mesmo ritmo de produção, ou até mesmo aumentou esse ritmo, porém transformou a sua carreira de cineasta em documentarista. Nesse fluxo surgiu o documentário *Pinto vem aí* (1976).

Pinto vem aí é um documentário produzido logo depois de *Manhã Cinzenta*. Olney foi preso e torturado por uma alegoria - *Manhã Cinzenta*, e logo depois filma algo que tem relação direta com a realidade vivida no país na época. Um documentário biográfico que retrata a vida de um político tido pela ditadura como subversivo, e por essa produção não sofreu nenhuma retaliação, tendo recebido prêmios como o do Festival JB. Talvez isso tenha acontecido por que o documentário foi produzido em uma época onde era forte a tendência de se produzir documentários biográficos, principalmente que tratasse da vida de alguma personalidade da época. Não foram poucos os documentários que tratavam de políticos de esquerda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olney sempre teve a ânsia de se inserir no meio cultural. Mesmo com a falta de recursos sua produção mostra que ele atingiu seu objetivo, uma vez que seu trabalho é revelador da cultura da época.

Em *Manhã Cinzenta* um robô representando a autoridade máxima diz que o povo não sabe pensar, que é necessário que exista um líder para tomara as decisões pelo povo. Essa é uma crítica clara aos militares que na época acreditavam que eram as pessoas mais indicadas para tomar qualquer decisão pelo povo, incluindo nessas decisões até mesmo o que a população poderia assistir. Em *Pinto Vem Aí*, Olney foge da crítica ficcional e cria um documentário que é um incentivo ao grito de liberdade. Olney sente a necessidade de que o povo perceba devem gritar pela liberdade e faz esse apelo por meio de um documentário político emblemático para a época de censura.

REFERÊNCIAS

- BERNARDET, Jean-Claude. Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro. 3ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- FEIJÓ, Martin Cezar. O que é política cultural.– coleção primeiros passos 107 - Editora Brasiliense, 1983
- FERRO, Marc. A história vigiada. São Paulo: Editora SENAC, 1999
- FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1992.
- JOSÉ, Angela. Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo- Rio de Janeiro: Quartet, 1999.
- Teoria contemporânea do cinema, volume II/ Fernão Pessoa Ramos, organizador. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- NOVAES, Cláudio Cledson. Aspectos Críticos da Literatura e do Cinema na obra de Olney São Paulo. Salvador: Quarteto, 2011.
- PIRES, José Henrique Nunes. Cinema e História: José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense/ Zeca Pires- Blumenau: EDIFURB: Cultura em Movimento, 2000.
- RAMOS, Fernão Pessoa. Mas, afinal...O que é mesmo documentário? São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2008.
- ROCHA, Glauber. Revisão Crítica do cinema brasileiro: São Paulo: Cosac naify, 2003.
- ROCHA, Glauber. Revolução do Cinema Novo. São Paulo: Cosac naify, 2004.
- SIMÕES, Inimá. Roteiro da intolerância: a censura cinematográfica no Brasil: São Paulo. Editora SENAC. 1999
- VENTURA, Tereza. A poética política de Glauber Rocha- Rio de Janeiro: Funarte, 2000.
- XAVIER, Ismail. O olhar e a cena- Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.